

Música e Filosofia: reflexões sobre conceitos e interfaces

Marilia Laboissière

Professora da Escola de Música da UFG
e doutorando em Comunicação e Semiótica na PUCSP
Fonte: <http://www.pucsp.br/pos/cos/clm/forum/sumario.htm#>

Resumo: O presente trabalho se debruça nas reflexões da interface música e filosofia. Tendo como fundamentação teórica o filósofo francês Gilles Deleuze, objetiva-se aqui confirmar (ou não) a *mutabilidade* de conceitos, *mutabilidade* que possibilita o surgimento de novos paradigmas sobre o entendimento da música; tanto em termos de criação quanto de escuta e de **interpretação musical**. Nesse trabalho tem-se particularmente em conta o mundo vivencial que, permeando sujeito e obra, responde pela formulação do(s) sentido(s), objeto da nossa tese em andamento.



En philosophie aussi nous avons abandonné le couplage traditionnel entre une matière pensable indifférenciée et des formes de pensée du type catégories ou grands concepts. Nous essayons de travailler avec matériaux de pensée très élaborés, pour rendre pensables des forces que ne sont pas pensables par elles-mêmes.

(Deleuze-Image, 1978)

Introdução

Com a fala acima, de Deleuze (1925-1995), podemos ter uma idéia de quão ilimitados são os campos de nossos pensares, e como é possível circular por diferentes caminhos, saindo dos tradicionais conceitos filosóficos (sem necessariamente desconsiderá-los) em busca de novos horizontes de conhecimento. Isso ocorre não somente pela necessidade que o homem tem de *conhecimento*, como também por sua própria inquietação, movimento inerente à sua condição de vida, na busca do criar, na procura de apreender o mundo, desvelar suas leis, seus destinos, sua realidade. Nesse processo, reflexos de experiências vivências proporcionam contrapontos, reações, questionamentos e novos saberes que acabam por caracterizar ideologias, atitudes políticas, sociais e afetivas no *continuum* do viver, alimentando e mesmo modificando, desde as nossas mais simples atitudes aos nossos mais profundos pensamentos, num universo em que temas e fatos são infinitos.

Desse processo também surgem escolas de pensamentos que são construídas, reformuladas, discutidas, aceitas, negadas, questionadas em seus diferentes graus de importância, regulando atitudes e entendimentos do homem. Alguns pensamentos ao serem compreendidos e assimilados como idéias mais coerentes e mais próximas de nossa verdade, adquirem força expressiva, cuja energia é capaz de jogar por terra mitos e mistérios os quais, perpetuados pela crença (sem a devida reflexão), tornaram-se fechados, seculares e de difícil aceitação à prática e entendimento num determinado contexto. A filosofia é um caso exemplar, onde a procura do *sentido* tem o seu espaço maior neste mundo contemporâneo, como bem diz Machado (1990, p.2) criando *formas de pensamento*, formas de saber, matrizes de conhecimento, com a mesma validade das outras matrizes, sejam elas científicas ou não.

Dessa maneira a filosofia é necessária, é *imprescindível* às conexões estabelecidas entre uma coisa e outra a partir de um eixo central, caracterizado pelo pensar. Pensar este, visto como um pressuposto

subjetivo, uma atividade espontânea, instantânea, de determinação e não contínua cujas respostas por vezes antagônicas, por vezes se completando, se relacionando, criando conceitos, estabelecendo vínculos ou negando, emergem na constituição de espaços constitutivos de nosso viver. Embora a filosofia sustente o caminho do verdadeiro pensar ela também tem como função, segundo Deleuze, oferecer espaço para que conceitos sejam criados, ampliados e modificados, tornando-os mais próximos da realidade em que vivemos. Afinal somos seres pensantes, e a filosofia permeia mundo e pensamento. Tentar ler na música idéias filosóficas e na filosofia a presença da música é uma posição que nos remete a outros caminhos que não meramente os do sentimento (emoção) e da forma.

No livro *Deleuze e a Filosofia*, Machado (1990, p.1) diz que *fazer filosofia é muito mais do que repetir ou repensar filósofos*, ou seja, não é ser tão somente um reflexivo, mas um criador, entendendo-se com esta definição a existência de um leque de opções se abrindo à nossos pensares, em que o fazer filosófico se faz possível por caminhos não necessariamente históricos, mas de produtividade atual. Questionamentos e respostas existem como em um processo aberto, inserindo-se naturalmente dentro de um contexto, de um tempo e uma época. E é assim que, como parte integrante deste mundo presente e de acordo com os acontecimentos e contrapontos, enriquece-se o processo criativo, a procura do novo.

Leitura do Conceito

No mundo moderno, ainda que em parte desconhecidos, filósofos contemporâneos vêm propondo explicações e vêm estudando a mente humana, formulando conceitos, idéias e matrizes de conhecimento. Dessa maneira, somos surpreendidos pela lógica e riqueza de seus pensares, quando emerge de maneira racional um mundo diferenciado que não nos é dado pela evidência, e que pode também ter sua leitura na música. Neste contexto temos, em especial em Deleuze, o conceito de filosofia cujo objetivo principal é o questionamento sobre o que seja o pensar, e que estendendo-se além da filosofia, abarca uma propriedade inerente em qualquer tipo de saber, presença ativa na constituição da sua tríade: *Arte, Ciência e Filosofia*.

Essas reflexões que num primeiro momento são livres e não comprometidas, em função do raciocínio se caracterizam na **ciência**, como potenciais para criar funções; na arte, criadoras de agregados sensíveis, e na filosofia, formuladoras de conceitos. *Conceitos incorporados de outras filosofias que ele situa no espaço da diferença, e também criando outros a partir do que foi pensado, com seus próprios elementos em outros domínios*, (Machado, 1990, p.164). O que isto significa? *transformação* de pensamentos existentes em outros domínios anteriormente que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Deleuze estabelece a *relação* entre o **não filosófico e o filosófico**, trabalhando-a como eixo de seus próprios componentes, e que de forma inseparável alia-se a outros conceitos coexistentes, cada um deles recobrando, parcialmente, uma área. Um conceito é um *incorpóreo* que, embora consiga se encarnar ou se efetuar nos corpos, diz o *acontecimento*, não a essência ou a coisa, como se constata na concepção interpretativa da música. Cada componente (no conceitual) é uma ordenada que deve ser apreendida como uma singularidade, um mundo possível, particularizado ou generalizado segundo a atribuição de valores variáveis ou de uma função constante.

Neste sentido, ao analisar um fato na infinitude de mundos reais em que está inscrito, os olhares percorrem caminhos diferentes, submetidos ao sentido que se inscreve nas relações entre os corpos que o constitui, e seus atributos. Atributos estes que, incorporados, fazem mudar o *acontecimento* pelo processo da transformação. Este *acontecimento*, proporcionador de *sentido*, tem uma máxima de existência: *para apontar "isto", tem que estar mergulhado no sentido do isto, tornando-se o objeto de pensamento e de conceitos*. Esta complexidade do pensar é determinada pela filosofia, e o mundo contemporâneo valoriza seus relacionais, suas **interfaces** (construção de camadas entre

dimensões), estabelecendo contato com elas. Construir, criar em diferentes dimensões, ao contrário da mediação entre duas entidades, onde uma vai sendo uma modificada em função da outra, como se fosse criadora de polos - aqui, entre música e filosofia.

Entende-se a existência de um fazer filosófico constituído a partir de reflexões, estudos e discussões dos *aconteceres* que permeiam uma sociedade, uma cultura, uma determinada época, correspondendo a uma visão, uma necessidade e uma realidade. Uma força transformadora no empenho do homem como ser de raciocínio, como homem de ação, argumentação e propostas, criando conceitos para o entendimento de suas atitudes, condutas, capacidades e caminhos do seu potencial. Inserido numa espiral infinita, seja como **ser pensante**, sensível e relacional ao mundo circundante ou como **criador de arte**, o homem opera, de forma ambígua, como produtor e produto de seu meio, imprimindo novas visões e novos sentidos ao fato musical. Neste estado de criar Deleuze faz uma leitura diferenciada, estabelecendo novos conceitos, novas visões para a música, uma nova perspectiva analítica do seu processo e de sua presença significativa, não como representação, mas como *ser de sensações*, como expõe nos seus escritos e entrevistas.

Nas suas colocações sobre a "*tríade*" (arte, ciência e filosofia) Deleuze ao enfatizar que tanto a filosofia quanto a ciência e a arte são criações de novos saberes, são pensamentos inerentes à nossa época, exatamente por quebrar tabus, estabelecendo novos conceitos relacionais. Isto, de certa maneira, torna fascinante as interfaces colocadas nas três dimensões do pensamento que, em épocas anteriores eram tão distintas. Segundo ainda Deleuze (1997. p.253), *o que define as três grandes forças de pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano e esboçar um plano sobre o caos. A filosofia quer salvar o infinito, dando-lhe consistência..., a ciência renuncia ao infinito para ganhar referência... e a arte cria um finito que restitua o infinito.* Para ele a filosofia produz e **cria** conceitos; a ciência **cria** funções, e a arte **cria** agregados sensíveis. Cada uma guarda suas particularidades respondendo às suas próprias questões e necessidades, pois são as diferentes necessidades que fazem emergir o criador, de conceitos, funções ou sensíveis, cada um podendo dizer algo do outro, *na medida e em função das atividades criativas de cada um*, e ainda que *a criação seja antes algo bastante solitário, mas é em nome de minha criação que tenho algo a dizer para alguém.* (Deleuze, 1988).

Nesta ótica, para o entendimento da filosofia e arte como pretendido aqui, é necessário ter-se consciência do *valor da liberdade, a não certeza de moldes e de padrões*, lidando com variáveis no seu constructo, em seu tempo de existir. Pois, diz Deleuze (1990) no capítulo Perceptos, Afectos e Conceito, *o artista acrescenta sempre novas variedades ao mundo. Os seres da sensação são variedades, como os seres de conceitos são variações e os seres de função são variáveis*, abrindo-se assim caminhos para que a liberdade do sentir, do pensar, do ser artístico de cada um, se manifeste no *continuum* arte e filosofia. Questões essenciais do ser, do saber e do valor, indo além de fórmulas pré-estabelecidas, onde cada um deles interfere na construção da música, seja na criação formal, seja na temporalidade da performance.

Concluindo a nossa comunicação lembramos Barthes (1990) no seu artigo *A música, a voz e a língua* quando, em relação à nossa temática, diz que a música como qualidade que é, não depende das ciências da linguagem (poética, retórica, semiologia), pois o que é promovido é aquilo que não é dito, não é articulado pela linguagem, e ainda que, no não dito, vem se instalar o gozo, a ternura, a delicadeza, o contentamento, todos os valores do imaginário.

Também lembramos Rowell (1983) para quem a *música*, como a filosofia, não se limita aos escritos dos grandes musicólogos ou compositores, mas traz em si uma série de atitudes e testemunhos que são válidos como afirmações implicadas nos resultados, de acordo com o seu momento, onde tentamos "descobrir" e dotá-la da significação que lhe é inerente.

Deleuze, que falando da arte e suas interfaces com filosofia, busca criar ressonâncias, conexões, agenciamentos com outros saberes se transformando em conceitos e entendimentos na prática tem outra visão lógica da música, quando diz que *seus signos, são objetos de um aprendizado temporal, e não de um saber abstrato* (Deleuze, 1987, p.4)

Na mescla destas reflexões emerge o conceito da *música* não mais como "arte do sentimento", mas com um conceito amplo. Conceito que envolve o conhecimento formal, as experiências, formas estruturais e formas sensíveis, como também o seu funcionamento, seus relacionais, seu universo transcendental e seus caminhos processuais. A música é construída de formas e estruturas, de sons, gestos e conceitos, numa multisensorialidade, onde o compositor nos convida a tomar parte do trabalho musical. Esse trabalho, de uma parte é um pensamento, fundamentado sobre a forma, a estrutura e de outra parte, é fundada sobre a força do material que a encerra. A música é vista então não como possuidora de valores e verdades absolutos e definidos, mas como um universo constituído por nós e pela arte. Afinal, em termos específicos de música, ela só se completa na escuta.

É com este pensar que vemos quanto os conceitos sobre a constituição do evento sonoro foram se transformando e hoje, encontrando respaldo na filosofia, ampliam os campos ao seu entendimento e apreciação. Um *pensar música* não mais restrito a campos musicológicos e estruturais, mas presente como um material liberado da forma. Neste sentido vamos encontrar conceitos anteriormente não pensados, como por exemplo, em relação ao tempo, um dos principais elementos da música, que vai ter em Deleuze, um reconhecimento *extra duração*, apontando um tempo não pulsado, não medido, *le temp flottant*, descrito como *un temps non pulsé nous met donc em présence d'une multiplicité de durées, hétérochrones, qualitatives, non coincidantes, non communicantes, on ne marche pas en mesure, pas plus qu'on ne nage ou vole en mesure.*(Deleuze,1978). Afirmações que anos atrás seriam tomados como idéias impensadas e que hoje se incorporam com propriedade no entendimento sobre a música, dando outra (real) dimensão à sua compreensão, colocando-nos mais próximos de sua interioridade, mesmo que num primeiro contato soem como estranhas ao nosso entendimento.

Como exemplo prático, chama-nos a atenção, em particular, as idéias de *paisagens sonoras, cores audíveis e personagens rítmicas* que rompendo com o relacional forma e sujeito estabelecem novas inserções como processo de individuação operando no tempo puro, tempos flutuantes.

Não só o tempo diferenciado, mas também perceptos e afectos, a repetição como sendo dada pela diferença, a música *não como representação*. Esses são conceitos que a filosofia de Deleuze acrescentou à contemporaneidade, impulsionando novos pensares à comunidade musical no campo do fazer e do perceber. Um outro pensamento contemporâneo é mostrado no livro "Thinking about music"(1983), quando Rowell argumenta que na música as questões filosóficas se encontram, tanto nas mais puras e ingênuas especulações quanto nos mais elevados argumentos. Para ele, a veracidade é construída por todos estes elementos com a mesma validade, pois seu caráter especulativo tem como tarefa principal a formulação de questões essenciais, a todo momento elaboradas. Evidencia-se assim que, mesmo por diferentes princípios, sempre existem espaços para novas procuras, novas aquisições conceituais.

Fica expresso que na compreensão da música trabalha-se com conceitos e interfaces. Assim, é que no duplo *música-filosofia*, interfaces estão presentes, na compreensão, entendimento ou na vivência de sua realização, pois *cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista, a própria diferença, a diferença interna e absoluta (...) um mundo absolutamente diferente, e (...) o mundo expresso não existe fora do sujeito que exprime, embora não se confunda com o sujeito (...) é expresso como essência, não do próprio sujeito, mas do Ser, ou da região do Ser que revela o sujeito* (Deleuze, 1987, p.43). É o que vivenciamos na arte como *bloco de sensações, um composto*

de perceptos e afectos (...)sensações que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido.(Deleuze, 1997, p.213).

Dessa maneira, num outro conceitual, a música não é tão somente a arte do sentimento, nem sensibilidade e talento, nem tão pouco pura forma, mas blocos de devires, interfaces *homem/mundo*, na busca da *compreensão/sentido* do arco que une a *música à vida*, na função de *produtores/fruidores* da arte.

No *continuum* da sua temporalidade, ela, música, sempre se sujeita a novos pensares, mostrando facetas interiores como presentes/ausentes no caminho de singularidades, seja na compreensão, na escuta, seja na performance. Ao estarem lado a lado, a filosofia ainda que numa ação silenciosa, descortina novos saberes, sendo o alimento do seu ser e força de sua realização no universo da vida. Desta maneira, emergem novos conceitos sobre música como proposições reais, possíveis e potentes, onde as interfaces, elementos transformadores para seu conhecimento e apreciação, possibilitam novos sabores e novos olhares.

E assim, a música hoje pode ser vivificada, aceita e entendida como *un matériau sonore très complexe est chargé de rendre appréciables et perceptibles des forces d'une autre nature, durée, temps, intensité, silences, qui ne sont pas sonores en elles-mêmes.* (Deleuze, 1978).

BIBLIOGRAFIA

- Barthes, R. *O Óbvio e o Obtuso*. Edit. Nova Fronteira, Rio De Janeiro; 1990.
- Deleuze, G. *Image — Conférence sur le temps musical IRCAM*. Paris: 1978.
- _____. Entrevista — *Trafic*. Paris: 1987.
- _____. Os intercessores. *Entrevista, L'autre Journal*, Paris: 1985
- _____. *Proust e os Signos*. Trad. de A Carlos Piquet e R. Machado. Edit. Forense- Universitária, Rio de Janeiro: 1987.
- Deleuze G., Parnet. C. *Diálogos* . trad. Eloisa Ribeiro. Edit. Escuta. Rio d Janeiro: s/d.
- Deleuze G., Guattari F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr e Alberto A. Muñoz, Edit. 34. 2ª edição S. Paulo: 1997.
- Machado R. *Deleuze e a Filosofia*. Edit. Graal, Rio de Janeiro: 1990.
- Rowell, L. *Thinking about Music*. University of Massachusetts Press. Amherst, 1983.